

## SINÔNIMOS

Lílian Miranda Bezerra<sup>1</sup>

**N**o ano de 2003 ingressei no curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), e pelos desígnios de Júpiter - nosso sistema corporativo que gerencia a vida acadêmica dos alunos de graduação -, não fui aluna de Ana Maria de Almeida Camargo na disciplina de Metodologia da História I, mas foi justamente nesse momento que a conheci, pois amigos de turma eram seus alunos e eu passei a reconhecê-la no panteão de professores do Departamento. A palavra panteão aqui não é empregada por acaso.

Toda a minha vida escolar se deu na escola pública. O Ensino Fundamental I e II e o primeiro ano do Ensino Médio foram realizados no extremo leste de São Paulo, no

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2020). Bacharel e licenciada em História pela mesma instituição. Desde 2010 é servidora do Arquivo Geral da USP, desenvolvendo as funções de Chefe de Seção Técnica desde 2015. Kursou a Escuela de Archivos para Iberoamérica (Espanha) e realizou o curso Introdução à Política e ao Tratamento dos Arquivos da PUC-SP. É autora de capítulos de livros, artigos e trabalhos apresentados em eventos relacionados à área de Arquivologia.



bairro do Itaim Paulista. No período em que lá vivi (até meus 15 anos de idade), a USP inexistiu para mim. Não me recordo de ter ouvido falar dessa Universidade dentro ou fora da sala de aula, o que denota o quão distante ela estava do horizonte de expectativas de um bairro pobre e periférico da cidade de São Paulo.

Com a mudança de residência de minha família, concluí o Ensino Médio no bairro do Tatuapé. A proximidade do Centro trouxe a USP ao meu imaginário: um professor de História, empolgante e empolgado, afirmava-nos ser ela um caminho possível e eu, ainda que descrente, quis seguir essa rota.

A aprovação no vestibular foi a materialização de um sonho. Nos primeiros meses do curso, percorri os corredores e frequentei as salas de aula do Departamento de História com o sentimento de que aquilo não me pertencia. O nosso curso de História é denso, a carga de leitura extensa, e a capacidade dos professores “recitarem” (referenciarem) artigos, capítulos e autores, me espantava na mesma medida em que deslumbrava. Via-os como deuses e deusas do saber, e me orgulho de ter podido desfrutar, por alguns anos de minha vida, da companhia de uma das maiores deusas desse panteão.

Concluída a graduação, consegui um trabalho junto à Grifo, mais especificamente no então Instituto Fernando Henrique Cardoso, hoje Fundação FHC (FFHC). Ana Maria era consultora no Arquivo daquela instituição, e eu passei a vê-la com frequência - todas as terças-feiras - nos quase dois anos em que lá trabalhei. Foi nesse espaço que percebi sua grandeza e relevância junto à área de arquivos. Ainda que não participasse das discussões metodológicas acerca da descrição documental - à época, eu tinha atribuições menores -, por estar naquele mesmo espaço eu ouvia e absorvia parte do imenso conteúdo que ela dispensava durante aqueles encontros. O tom de voz baixo, a voz aveludada, a elegância e educação que lhe eram inerentes contrastavam com a veemência com que defendia, sem alterar o tom, os princípios arquivísticos. Passei a admirá-la ainda mais.

Soube do concurso para o Arquivo Geral da USP (AG) por uma colega estagiária da FFHC que, por coincidência, era amiga de um estagiário do AG. A notícia sobre o concurso - que ela propagou na sala em que trabalhavam cerca de 12 pessoas - só ecoou



em mim. Realizei o concurso e, para minha felicidade, fui aprovada sem sequer suspeitar da forte relação que Ana Maria possuía com o AG.

Foi atuando como servidora do Arquivo Geral que minha relação com Ana Maria se desenvolveu de fato. A então diretora do AG, Johanna Smit, atribuiu-me as atividades relacionadas ao arquivo permanente e, a partir daquele momento, passamos a fazer reuniões frequentes com Ana Maria para discutir a metodologia de descrição que adotaríamos para a USP.

Essas reuniões ocorreram, com variada frequência, por cerca de três anos, e eram regadas a café, biscoitos de polvilho (Ana os adorava), risos, “causos” e muita teoria arquivística. Vencidas as barreiras iniciais - minha timidez, nutrida pela admiração às duas professoras ali presentes -, fui conseguindo interagir e absorver parte daquele manancial de conhecimento a que tive o privilégio de ter acesso. Ainda hoje, ressoam em mim as lembranças e os ensinamentos daquele profícuo período. A convivência mais próxima mostrou o lado da Ana Maria que até então desconhecia: uma contadora de casos divertida, bem-humorada, com tiradas inteligentes e festeira!

O AG sempre cultivou bons hábitos festivos, fosse em comemorações de aniversários ou festas de finais de ano, nas quais se somavam à confraternização toda a equipe, os estagiários, os ex-estagiários e terceirizados, além do sorteio de amigo (ou inimigo) secreto, cantorias e danças. Ana Maria sempre fez questão de estar presente e demorar-se conosco, rindo, conversando com todos e disputando, com ímpeto inesperado e destoante de sua aparente formalidade, os presentes simbólicos que compunham nosso amigo secreto. Quantas vezes a festa não foi toda orquestrada com o intuito de provocá-la, para daí, causar o riso, a descontração e a aproximação entre todos os presentes? Com frequência me pego lembrando de alguma situação dessas e ainda rio sozinha.

Demandas variadas de trabalho sempre trouxeram a Ana Maria para perto do AG. Sua relação com o Sistema de Arquivos da USP (SAUSP), da qual foi uma das fundadoras, e com o AG - desdobramento desse projeto - era inquebrantável. Ana Maria brigava por nós, e nós desfrutávamos, por tabela, de todo o respeito e prestígio que ela possuía na área. Nos momentos em que a rotina ou o desânimo da conjuntura universitária nos



embaçava a visão, ela ressaltava nossas qualidades metodológicas e, num instinto quase materno, lembrava-nos de nosso valor. O SAUSP e o AG perderam uma guerreira aguerrida e uma das maiores difusoras de nosso trabalho.

Esse espírito estimulante na sua relação com o SAUSP e o AG também incidiu sobre mim. Em 2017 aderi a um programa de redução de jornada de trabalho na USP para fazer o mestrado. Procurei a professora Ana Maria e expus o tema com o qual gostaria de trabalhar, bem como minhas dúvidas e limitações. Ela aceitou e, numa demonstração de cuidado - qualidade que também lhe era característica - preocupou-se em me tranquilizar *a priori*, caso algo desse errado no processo de seleção da pós-graduação.

Na vigência da pesquisa de mestrado tivemos poucas, mas determinantes reuniões para discutir a metodologia e o andamento do trabalho. Ela sempre me recebia em sua "casa/biblioteca" e me convidava para um lanche. Certa vez, achando que esse compromisso lhe causava preocupação, tomei o lanche antes de ir até lá e lhe agradei o convite: levei, porém, uma chamada de atenção - do tipo que recebemos da mãe ou avó que se prepara, com zelo, para nos recepcionar -, e nunca mais repeti o erro. Entendi que aquele lanche não era incômodo, mas um momento de partilha.

As reuniões do mestrado não tinham hora para acabar. Ana Maria parecia não se preocupar com o tempo e com a noite que avançava em direção à madrugada. Repetidas vezes ela me disse que nosso trabalho deveria ser original e que tínhamos condições de fazê-lo. Eu sempre me senti aquém de tamanha expectativa e acreditava serem suas palavras alguma estratégia motivacional. Porém, para que essa ideia não se transformasse numa cobrança paralisadora, saía de lá dizendo a mim mesma que eu faria o melhor que pudesse, dentro das condições de que dispunha: lembrava-me de onde vim para sopesar até onde poderia ir.

Eu saía das reuniões exausta. Acompanhar o raciocínio erudito e divagador da Ana Maria, contra-argumentar e não perder o "fio da meada" exigiam muita atenção. Ao final de todo o processo, as ideias plantadas ao longo do caminho foram se sedimentando dentro de mim - aquelas que minha inteligência foi capaz de alcançar - e o mestrado



cumpriu o propósito para o qual o busquei: ter uma desculpa (ou obrigação) para estudar, aprofundar e desenvolver conhecimentos na área em que escolhi atuar.

Poucos dias antes do término de meu prazo de depósito tive a última reunião com a Ana Maria, já tendo lhe remetido minha versão final da dissertação. Eu tinha dúvidas se ela tinha lido, mas era preciso cumprir esse ritual.

Não tive a oportunidade de lhe dizer isso, mas ao ouvir as palavras elogiosas que proferia, citando trechos específicos do texto, minhas pernas tremiam debaixo da mesa e sentia minhas bochechas em brasa. As minhas reações, totalmente involuntárias, evidenciavam o respeito e o fascínio que ela exercia sobre mim. Era estar diante de um ídolo. Ufa! Eu não a tinha decepcionado.

Poucos meses após sua morte, na noite em que voltei a trabalhar após um período breve de férias, sonhei com ela. Sonhos que se entrelaçavam e pareciam não ter fim; um misto de sensações boas e angústias. Acordei com o desejo de lhe escrever, mas isso já não era possível. Na busca de entender o porquê naquele momento, comentei com meu companheiro que afirmou, sem mais: “foi porque você voltou a trabalhar”. Sim, estar no AG, percorrer seus corredores e salas de guarda, discutir, ler ou escrever sobre arquivo é estar e dialogar com a Ana Maria. Ana Maria e Arquivo são sinônimos.

---

#### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

